

ARTIGOS

A DOCÊNCIA NO INSTITUTO DE BIOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA: PERCORRENDO CAMINHOS E ENCONTRANDO REPRESENTAÇÕES

Talamira Taita Rodrigues Brito¹

Ana Maria de Oliveira Cunha²

Resumo: A nossa pesquisa pretendeu aprofundar as discussões sobre a docência no Ensino Superior, buscando compreender como ela vem se estruturando frente às novas exigências da Universidade e como vem sendo trabalhada e representada no cotidiano dos professores. O objetivo do trabalho foi de levantar as representações sobre docência dos professores do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Foi ainda intenção da pesquisa: investigar como essas representações impactam na prática docente desses professores e como essas práticas interferem na dinâmica dessas representações; desvelar como se deu a sua formação para a docência; e delimitar as atividades entendidas como docência para esses profissionais. Para tanto, nos valem de três perguntas-chaves do campo teórico/metodológico em Representações Sociais: quem sabe e de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que sabe e com que efeitos? Os dados foram coletados por meio de um questionário aplicado a todos os 21 professores do Instituto e através de uma entrevista realizada com oito professores. O estudo das representações nos possibilitou conhecer o universo de subjetividade com a qual lidamos diariamente. A representação de docência é fruto dessa subjetividade, nos levando a crer que as representações encontradas, entre os professores, são diversificadas, amplas, algumas restritas,

¹ Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: taitabrito@bol.com.br

² Professora/Orientadora dos Programas de Pós-Graduação em Educação e em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais da UFU. E-mail: anacunha@netsite.com.br

impregnadas de valores, frutos de uma construção histórica sobre o trabalho na universidade, embebida de representações culturais, sociais e políticas que por muitas vezes reforçam a manutenção de práticas equivocadas, discursos inadequados sobre o profissional que atua no ensino superior e sua prática na docência universitária.

Palavras-chave: Docência. Representação Social. Universidade.

1 Panorama de nossa tessitura sobre a representação de docência – contexto e forma de organização do pensamento de pesquisa

Este artigo é parte do nosso trabalho de mestrado realizado entre os anos de 2004 e 2006, que teve como objetivo investigar a representação de docência dos professores do Instituto de Biologia (IB) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Paralelamente a este objetivo, aprofundamos as discussões sobre a docência na universidade, o fazer pedagógico de professores e alunos com a finalidade de compreender como a docência vem sendo representada e trabalhada no cotidiano dos professores. Investigamos ainda como essa representação impacta na prática docente e influencia nas atividades de ensino, pesquisa, extensão e administração e vice-versa. A formação para a docência na concepção dos docentes investigados, as atividades entendidas como docência para esses profissionais, bem como suas afinidades em relação a elas, também foram investigados.

Essa discussão foi pautada na análise da história da criação da universidade na Europa, nos EUA e no Brasil, seguida de uma discussão em torno da docência na universidade. Como referencial teórico-metodológico utilizamos a Teoria das Representações Sociais (TRS) na linha de trabalho de Moscovici (2001); Farr (1998); Jodelet (2001); Spink (1998). O questionário e a entrevista foram os instrumentos utilizados, sendo o primeiro, aplicado a 21 docentes, e o segundo, aplicado a oito professores – dois professores de cada uma das quatro áreas de conhecimento do IB.

Nesse trabalho, teremos como objetivo apresentar algumas discussões e análises de dados em torno dos nossos achados acerca da docência e suas representações bem como suas relações e influências na constituição da atividade docente na universidade.

2 Tecidos formados a partir das representações sobre docência – diálogos entre teoria e prática

A *docência*, o *exercício docente*, a *atividade docente*, o *ser docente* são expressões bastante comuns de se ouvir e ler nos grupos de estudos e nas produções que falam sobre o professor.

O fato de, nos enunciados de professores e alunos da Universidade, a “sala de aula” ser mencionada como o espaço da atividade docente ou da docência fez com que buscássemos entendimentos sobre essa relação. Isso porque, para a orientação de nossos estudos, comungamos com Kuenzer (1997, p. 2) que afirma ser a docência um ato humanizado e humanizante que, por sua vez, está localizado na atividade do docente. Frente às atividades desenvolvidas na Universidade, entendemos que a docência pode ser compreendida como algo que se manifesta em vários espaços.

A partir desse olhar, perguntamos: Em qual lugar se encontra a atividade docente do professor de uma Universidade Pública? Na sala de aula/ensino, na pesquisa, na orientação, na administração, nas comissões, nas atividades sindicais? O que é docência nesse contexto? Qual a concepção de docência que rege esse contexto?

Essas questões nos apontam uma complexidade que se estende a outras tantas questões como: O que é ensinar? Onde se ensina na Universidade?

A docência vem sendo compreendida como uma característica peculiar ao exercício do professor porque é nela que se encontra definida a ação de ensinar, é ela a norteadora da base de discussão sobre a formação e identidade do professor.

Compreendendo sua estreita relação com o ato de ensinar, buscamos o significado/origem dessa palavra com a intenção de mapearmos as semelhanças e diferenças entre ambas. O termo docência, segundo Houassis (2004, p. 1068), vem do latim *Docere* (ato de ser docente) que tem como sentido ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender.

Ensinar vem do latim, *insignare*, que significa, para Houassis (2004, p. 1159), repassar, doutrinar, lecionar, transmitir, instruir.

Fazendo uma comparação entre os desdobramentos etimológicos das duas palavras, percebemos que a relação entre o ato de exercer a docência e a ação de ensinar conduz à idéia de transmitir, de instruir, de repassar algo para alguém.

Essa relação povoa o imaginário das pessoas quanto à função do professor. Professor é aquele que transmite informações, que passa conteúdo, que ensina, em sua sala de aula, alguma coisa para alguém. Na mesma medida, traduz para docência o sentido de estar relacionada ao professor e ao exercício de sua docência (de sua atividade). Entretanto, que docência é essa, que ensino é esse?

Na percepção de Mizukami (1986), a questão do ensino e seu significado estão correlacionados às abordagens de processo ensino-aprendizagem. Dessa maneira, de acordo com a compreensão que se dê em torno do processo de ensinar/aprender, pensaremos e agiremos de acordo com determinadas opções epistemológicas sobre tais interfaces. O ensinar, então, para essa autora, pode ser entendido sobre diversas tendências: tradicional, comportamentalista, humanista, construtivista e sócio-cultural.

Talvez a forma mais predominante de falar de ensino e docência seja aquela pautada num olhar tradicional, vez que frente ao próprio histórico de educação que o Brasil teceu, as nossas inspirações jesuíticas, européias e americanas serviram, de certo modo, para manter determinados eixos tradicionais sobre a forma de conceber a relação entre sujeito e conhecimento.

De alguma maneira esses sentidos tradicionais se cristalizam nos discursos, na linguagem e nas ações dos sujeitos: ensinar, transmitir, instruir, repassar e exercer docência e terminam por fazer parte de um único movimento, de um mesmo significado, muitas vezes atemporal, apolítico, sem condizer com que o que de fato a palavra representa na realidade cotidiana.

Exemplo disso foi a pesquisa realizada por Pereira (2000), ao desvelar as representações sobre ensino que possuíam os professores de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. A pesquisa possibilitou distribuir os professores em quatro grupos, de acordo com suas posições acerca do ensino:

O primeiro grupo admite que ensinar é transmitir, transferir, passar conhecimentos e informações para o aluno; o segundo, acredita que além de transmitir, deve o professor também trazer o senso crítico para o aluno; o terceiro encara o ensino como mudança de comportamento; e para o quarto, ensinar é um fenômeno que acontece na interação professor-aluno.

Nos resultados que apresenta, há uma predominância nas representações de que ensinar é transmitir, transferir, passar conhecimento.

De uma maneira geral, essas representações reforçaram os sentidos, os significados e as concepções veiculadas na sociedade que associam a esse termo [ensino] a idéia de “transmissão de conhecimentos”. (PEREIRA, 2000, p.133).

Essa idéia de ensinar/transmitir é algo que perpassa a postura do professor, da escola, do aluno e das discussões teóricas sobre o assunto porque, na verdade, a linguagem por si só carrega a representação. As gerações reproduzem as práticas culturais, modificando-as, mas a linguagem para se referir a determinado tipo de ação, muitas vezes permanece inerte a uma prática já diferenciada do que a etimologia nos apresenta. O ensino é uma dessas palavras.

Acreditamos que o ensino é uma possibilidade de diálogo com o conhecimento, entre sujeitos, entre mundo. Percebendo dessa forma, acreditamos também que ele acontece onde há pessoas intencionalmente comprometidas com o conhecimento. Onde há produção de conhecimento, há possibilidade de ensino.

Notamos também que a docência, tanto em discursos como etimologicamente, anda conjugada com o ensino. Ao fazermos um percurso sobre origem de uso na nossa língua, encontramos o pensamento

de Araújo (2005) que nos afirma ser o registro do termo na língua portuguesa datado de 1916. O autor afirma que o uso e desdobramentos dessa palavra pela nossa língua é muito recente, se comparado com o nosso tempo de história brasileira. É um termo que ainda requer maiores atenções e cuidados no uso e sentido que lhe são dados, o que dá margem para reflexões sobre a sua utilização e sobre a multiplicidade de significados a ele atribuídos. Para Araújo (2005, p. 40),

a docência está implicada no exercício concreto do preceptor, do lente, do professor, do instrutor, do pedagogo etc. Embora os termos tenham uma história na língua latina, e tenham uma configuração diferenciada em termos de datação na língua portuguesa, traduzem eles preocupações docentes, expressam eles responsabilidades pelo ensinar. Pode-se observar que alguns são basicamente vinculados à formalização do ensino pela escola, outros guardam relações muito próximas com o mesmo, como é o caso do aio ou preceptor.

Quando esse autor afirma que a atividade docente está associada à figura do professor, e este ao ato de ensinar, ele nos aponta a origem de algumas associações e discursos que fazemos ao nos dirigirmos à imagem do docente e ao local onde este exerce sua docência.

Tanto a comunidade externa à Universidade, quanto seus alunos e professores, expressam a idéia de docência como se esta estivesse pura e simplesmente ligada a um único ato: o de transmitir conhecimento. Daí, frente à dinâmica que encontramos no interior da Universidade, uma pergunta constituiu o cerne de nossas reflexões: na realidade em que nos encontramos, ainda é possível se pensar, subjugar a docência ao simples exercício de transmitir conhecimento, ou ainda, ao encontro de alunos e professores na sala de aula?

Compreendendo que a utilização das terminologias, bem como seu significado, tem uma relação direta com a história da produção do conhecimento (BURKE, 2003) e da formação de espaços escolares, não queremos aqui fazer um movimento unilateral de apropriação do termo independentemente de uma análise ou ainda de uma contextualização histórica.

A docência está implicada numa atividade, numa ação, num exercício docente, o que nos proporciona pensar que se torna bastante comum a apropriação de terminologias, como é o caso da docência, de forma linear, docência/sala de aula, sala de aula/docência, docência/ensino, ensino/transmissão de conhecimento. Como conseqüência, temos movimentos que se desdobram em ações, como verbalização e reprodução desse sentido restrito da docência, do ensino e suas cristalizações no desenvolvimento de produções literárias, produções de documentos institucionais que reforçam uma visão restrita de ambos os termos. O cuidado é no formato, no uso e no sentido que é preciso dar ao que se fala e ao que se faz.

Dessa forma, partilhamos com Isaia (2003, p. 267), ao afirmar que “a docência, aqui entendida, vai além da sala de aula, envolvendo todas as atividades acadêmicas-educativas desenvolvidas pelos professores, com vistas a ações formativas”.

Frente a essas reflexões e ao entendimento que temos de que docência é uma atividade que vai além do espaço da sala de aula, principalmente no que tange à docência na Universidade – ao professor universitário, resolvemos fazer uma busca acerca dos caminhos trilhados pela docência na literatura. Percebemos então, que a docência vem sendo compreendida sob diversos ângulos: enquanto exercício profissional e identitário; como carreira docente; como ensino em sala de aula; como representação da imagem do professor.

Como exercício profissional e identitário, a docência está ligada às questões voltadas à profissionalização, ao profissionalismo, aos saberes e práticas do professor e à constituição da identidade docente, o que pode ser visto nos trabalhos de Nóvoa (1995), Ramalho, Ghauthier e Nuñez (2003), Pimenta e Anastasiou (2002), Tardif (2002), Brzezinski (2002).

Como ensino em sala de aula, a forma mais comum de encontrar referências sobre a palavra, estão os trabalhos de Masseto (2003; 1998); Zabalza (2004); Castanho (2000). Como representação do exercício histórico da profissão professor, que analisa a docência como um movimento de carreira, de resistências e de (des)valorização, encontramos Castro (2003), Gatti (2000) e outros. Percebemos que a

palavra docência vem sendo utilizada para atender a diversas demandas, outras dimensões que se conectam ao exercício do docente.

Partindo dessa análise e nos apropriando dela como ponto de referência para os desdobramentos das discussões, voltamos a algumas questões a que nos propusemos responder: Em se tratando da Universidade, do espaço de trabalho acadêmico, como deve ser compreendida a docência, de que docência se fala, o que é possível refletir sobre esta docência, é possível pensar que na academia apenas é transmitido o conhecimento? É possível caminhar ainda com a consciência de que ato de ensinar se resume apenas à transmissão deste conhecimento?

As atividades de ensino, pesquisa e extensão, historicamente constituintes das atividades docentes no interior da Universidade (com mais ênfase a partir da década de 70), vêm concentrando outras atividades como: participação no movimento do trabalho sindical; publicação de trabalhos; participação em eventos; atividades administrativas; participação em comissões deliberativas; coordenações de áreas e de colegiados; consultorias e outros tantos cargos e atividades que vêm sendo assimilados pela dinâmica dos trabalhos que emergem do cotidiano das Universidades. Isto nos faz refletir que, ao falar de docência, especificamente na Universidade, uma série de questões precisam ser repensadas, pois tomando-se como referência as atividades desenvolvidas pelos professores, conclui-se que o exercício docente é amplo e complexo.

Como bem colocado por Morosini (2001, p. 21), é necessário saber de qual lugar se fala, pois,

um dos condicionantes mais fortes da docência universitária é o estabelecimento em que o professor exerce sua atividade. Dependendo da missão da instituição e das conseqüentes funções priorizadas, o tipo de atividade do professor será diferente. Dependendo da mantenedora, governamental ou privada, com administração estadual ou municipal, o pensar sobre a docência serão diferentes, com condicionantes diferenciados também.

Assim, de acordo com o tipo de instituição de educação superior, a docência sofrerá diferentes pressões e agregará formas diferenciadas de entendê-la, concebê-la e representá-la.

A Universidade pública está atrelada a um universo de responsabilidades que, por si só, apontam para um repensar sobre a idéia etimológica do termo ensino, como também do termo docência, embora saibamos de todas as construções e representações que condicionaram o docente a reproduzir várias imagens distorcidas sobre a sua realidade profissional: a idéia de Universidade, a idéia de professor universitário, a idéia de aula universitária etc.

Responder aos questionamentos apontados anteriormente requer que, antes, pensemos a atividade docente como uma ação política, não burocrática e que não segue uma risca linear, pois, pensando junto ao que Santos (2004) defende, tanto o ensino - aqui entendido como prática cultural e política que não tangencia apenas o transmitir informações mas pratica e as produz -, quanto a pesquisa - compreendida como algo ligado intrinsecamente ao ato de ensinar, não ao ato de simplesmente produzir ciência -, e quanto à extensão - percebida como algo relativo aos desdobramentos dessa construção/produção de conhecimento -, são caminhos que não só constituem o que se entende por Universidade e sua função social, mas, também, um caminhar de atividades que distam literalmente da compreensão etimológica e tradicional que envolve tanto a docência quanto o ensino.

Para desvelar as representações de docência dos professores do IB, percorremos um caminho dentro da metodologia em Representações Sociais. Inicialmente, a partir dos pressupostos de Jodelet (2001), nos orientamos através de três perguntas: quem sabe e de onde sabe? O que e como sabe? Sobre o que sabe e com que efeitos?

Tendo essas questões como norteadoras, organizamos a análise através da criação de cinco categorias construídas a partir das entrevistas: Formação/trajetória e influência dos docentes; Atividades com as quais se identifica; Concepção de ensino; Atividades ligadas à docência; Concepção de docência. Neste trabalho, apresentaremos apenas os resultados pertinentes à Concepção de Docência.

Tais questionamentos se sustentam na compreensão de que, a partir do momento que o sujeito interage com outros sujeitos, com linguagens, informações, com sua atividade profissional e com um conjunto de ações e leituras sobre o mundo, ele forma, ao seu redor, um universo de símbolos, de representações que o ajudam a formar suas opiniões particulares.

[...] Desse ponto de vista, as representações sociais são abordadas concomitantemente como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade. [...]. (JODELET, 2001, p. 22).

Aqui tais opiniões são reconhecidas como concepções/representações que tecemos acerca do objeto, acerca do mundo. Isso implica dizer que estamos diante de uma realidade múltipla, por si complexa, e que traduz, nos sujeitos, opiniões diversificadas, mas que, ao mesmo tempo, partem de experiências coletivas.

No caso dessa pesquisa, os nossos sujeitos são docentes do ensino público Federal que apresentam trajetórias similares e hoje pertencem ao quadro de docentes do IB. Como tal, produzem conhecimento, ministram aulas, orientam alunos, participam da vida do Instituto, enfim, estão envolvidos num universo de aspectos comuns que se traduzem em experiências sociais de legitimações em seu grupo, ao mesmo tempo em que essas mesmas experiências forjam suas visões, seus conhecimentos acerca do mundo.

O IB está inserido numa universidade pública federal que foi constituída - como a maioria das universidades brasileiras - a partir de influências européias e norte-americanas. Ora privilegiando ensino/sala de aula, ora privilegiando a pesquisa/técnica, mas mantendo-se sempre numa linha de profissionalizar (DORIA, 1998).

Essa profissionalização afastou a universidade brasileira dos rumos de uma formação mais política acerca do seu papel na vida sócio-política do país, que interferiu, decisivamente, na forma de abordar o trabalho e a função docente do professor universitário.

Partindo dessa compreensão, afirmamos que as vozes dos sujeitos não podem ser descontextualizadas dessa história que traduz concepções/representações cristalizadas pelo processo histórico e que se refletem em nossas práticas contemporâneas.

Apresentamos os discursos emitidos, durante a entrevista, diante da pergunta: Qual a sua concepção de docência³?

É complicado responder o que é docência, porque tudo é, porque quando eu estou tirando uma dúvida de um aluno do curso, ou um aluno de segundo grau mesmo, ou que não seja meu aluno, chega aqui pedindo uma informação, naquele momento eu vou falar alguma coisa, eu vou dar uma informação, que eu estou produzindo, nas informações que eu leio, então, eu estou repassando isso, e repassar informação, repassar seja em qual área for, pra mim já é docência, principalmente quando somos procurados por um outro docente, então, o que eu poderia dizer, docência é uma questão ampla, porque quando eu penso que vou ser professora, eu tenho que pensar que eu vou formar outras pessoas, não só na área, não só no conteúdo específico, e isso é muito importante. (S7).

Docência é o compromisso máximo com a formação de um ser humano. É por isso que apesar de não ser o meu prato preferido dar aula, pois a aula em si me desgasta porque você se empenha o máximo e nem sempre você tem o retorno do aluno, eu dou o melhor de mim. (S2).

Tudo [é docência]. Tudo que eu faço aqui está ligado ao ser professor. Não sei dizer, eu nunca estudei para falar sobre a minha concepção de docência, nem que nomes são esses. Eu acho que a docência é uma opção, eu falo por mim. Eu estou aqui hoje porque eu sempre quis ser professora. Exercer a docência na Universidade é também formar pesquisadores. Ensiná-los a utilizar o método científico com discernimento ético e muito juízo. Eu acho que a docência é como a vida, é uma profissão que a gente se entrega por inteiro. A gente tem que estar o tempo todo, avaliando e tentando melhorar. Se a gente cresce como docente, cresce também como pessoa. Eu não desligo as duas coisas. (S1).

3 Apropriamos-nos da palavra concepção no lugar de representação, por ser a mesma mais próxima da realidade dos docentes, seguindo os passos da Metodologia em Representação de Spink (1998).

Na análise dos três depoimentos percebemos que há uma dificuldade de conceituar a docência – traduzi-la em palavras –, ao dizer “docência é tudo”, “docência é ampla”, “não sei dizer”. Diante dessa dificuldade, o professor apresenta um exemplo do que é docência como exercício cotidiano: O contato com os alunos, o imaginário de ser professor, de ter compromisso com o que faz, de repassar conteúdo é a ponte entre a pergunta feita – o que se concebe por docência –, e a prática desse professor.

No primeiro depoimento (S7), mesmo o professor apontando que tudo que ele faz como professor é docência, a relação entre aluno-professor-informação, ainda é bastante forte. Isso nos aponta para aquela idéia encontrada na etimologia das palavras docência, ensino, instrução, que guardam uma relação direta com o tipo de professor que reproduz o conhecimento e que passou a ser materializada, na linguagem e na prática, de acordo com algumas das abordagens sobre ensino-aprendizagem sistematizadas por Mizukami (1986). Nesse sentido, a representação de docência está imbricada na formação do aluno via ação do professor.

Independente da postura pedagógica desse docente, a linguagem ainda é um ponto que representa o seu pensamento, alguns termos como *repassar informação*, *dar informação*, *repassar formação*, são os anúncios disso. Como abordado pela TRS, a convivência com/entre gerações possibilita a cristalização de determinados conceitos e procedimentos a respeito das coisas e a respeito do mundo que se configuram em Representações Sociais.

O segundo depoimento (S2) assinala, de forma mais enfática, a idéia do compromisso docente com o ser humano, ao mesmo tempo em que tangencia isso com o professor e a sala de aula, comungando assim com a relação tecida entre sala de aula-lugar da docência, lugar do professor.

O terceiro sujeito (S1) nos aponta que, sobre a concepção de docência, ele nunca fez nenhum tipo de leitura para poder se sentir à vontade para responder à pergunta feita, porém associa a idéia de docência, à idéia de ser professor, de formar pesquisadores. E, para ele, ser professor é o tempo todo.

Essa dificuldade de falar sobre a docência, sobre sua concepção, muitas vezes perpassa pela formação para o exercício do magistério superior. Mesmo com toda a formação específica para exercer o cargo de professor universitário (formação inicial na área, pós-graduação *stricto sensu*), a preparação para encarar os aspectos pedagógicos inerentes a tal papel, ainda é incipiente, haja vista o último depoimento apresentado (S1).

Nas palavras de Marques (2003, p. 192),

os cursos de Pós-Graduação, à medida que destinados à formação para docência universitária, necessitam assumir explícita e formalmente suas dimensões pedagógicas, isto é, necessitam qualificar os educadores para o entendimento compartilhado em processos argumentativos, sobre as especificidades das práticas educativas no interior dos cursos ministrados pela universidade e sobre a organização e condução deles.

Compreendemos assim, que se torna necessário aos professores que estão envolvidos com a realidade de formar, por conseguinte com a realidade pedagógica, enveredar por espaços de leituras/formação/informação sobre essa docência e o que esta significa dentro do espaço universitário.

Nos depoimentos apresentados, podemos dizer que as concepções cristalizadas acerca da docência, nos apresentam algumas Representações sobre Docência, tais como: é repasse de conhecimento; é ser professor; é preparo do ser humano; é formar pesquisadores; é uma atividade exaustiva; é crescimento contínuo; é uma forma de exercer influência.

No depoimento que se segue, foi percebido outro olhar sobre a docência:

As atribuições dos professores, ou ainda do professor universitário, que faz ensino, pesquisa e extensão e atividades administrativas, essa é minha perspectiva da carreira docente, que são contribuições constitucionais. Eu acho que atividade de docente implica no desenvolvimento de todas essas atividades, e na busca de um balanceamento. [...] A docência, na minha perspectiva, e, na verdade, no entendimento em termos de atribuição constitucional, diga-se de passagem, envolve

ensino em todos os níveis, pesquisa, extensão e atividades administrativas. (S4).

A docência, para esse sujeito, é vista como Carreira Docente, como algo que extrapola o universo da sala de aula. A extensão, a pesquisa, a sala de aula e a administração são faces de uma mesma moeda. Sob esse olhar, a docência ganha outro aspecto, ela é exercício docente. E, como exercício docente, é também produção de conhecimento. Dessa forma, a docência é aqui entendida, conforme Isaia (2005, p. 266), para “além da sala de aula, envolvendo todas as atividades acadêmicas-educativas desenvolvidas pelos professores, com vistas a ações formativas”.

Essa concepção de docência possibilita pensar que exercê-la na universidade significa fazer universidade. Significa pensar universidade como um locus que se move através da forma como o professor a concebe. Nesse sentido, podemos dizer que a Representação desse professor a respeito da docência é de carreira docente, que compreende o ensino, a pesquisa, a extensão e a administração.

Depoimento do sujeito S3:

É difícil definir em palavras, mas para mim, todas as minhas atividades, da hora que eu chego à hora que eu saio da Universidade, são atividades de docência: a aula formal, preparação de aula, busca de novas informações, o atendimento de cada um que me procura durante o dia, as atividades de orientação, o relacionamento com os colegas, para mim tudo isso é atividade de docência. A docência formal é aquela que você tem conteúdo para cumprir, que você tem que desenvolver uma técnica de melhor passar esse conteúdo, como fazer as ligações entre diferentes informações, diferentes conteúdos e criar uma, tentar, criar uma estratégia em que o aluno, principalmente o aluno da graduação, consiga fazer dentro do seu conteúdo específico, da sua disciplina específica, uma ligação com toda a formação que ele já teve e que ele poderá ter mesmo que não seja essa a atuação profissional dele. (S3).

A docência, para esse sujeito, é vista como Atividade Docente, na qual, o fato de ser professor de uma universidade possibilita a agregação de várias atividades que o constituem como docente. A única atividade

que, para esse professor, não faz parte da docência é o envolvimento em cargos administrativos.

Esse professor denomina *docência formal*, o trabalho em sala de aula, e se refere a uma docência que acontece em outros espaços formativos dentro da universidade, como orientação de alunos, trabalho com pesquisa etc.

Essa discussão em torno do que é ou não atividade docente, está muito ligada a algumas idéias relativas ao que entendemos por universidade pública e autárquica. A autarquia, segundo Cunha (2003), pressupõe que a universidade é constituída por quem a compõe. Os seus órgãos colegiados devem ser constituídos por docentes e discentes em ativa participação na universidade. Então, direção de departamento, coordenação de área, coordenação de colegiados de cursos e demais cargos dos conselhos e câmaras superiores da universidade fazem parte desse bojo de atividades presentes na vida cotidiana do docente. Para esse professor, a representação de docência é como atividade docente.

Para o sujeito S5, a concepção de docência foi abordada sob outros aspectos, vejamos:

Minha concepção de docência é muito ampla, é uma idéia, um conceito que se amplia com o decorrer do tempo, porque as leituras, o resgate cultural que trago da Educação da modernidade, acabam por influenciar. [...] Então, a docência une ensino, pesquisa e extensão, não tem como separar, pois mesmo no trabalho de pesquisa, se estou trabalhando com comunidades, estou trabalhando com extensão, estou trabalhando com ensino. Docência é uma arte difícil... a docência é muito ampla, não vejo a docência, como apenas transmitir conhecimento, para mim a docência é mais ampla do que isso, em poucas palavras, a docência é lidar com todas as outras questões que envolvem a vida das pessoas, por isso, que ela entra em várias áreas do conhecimento, não dá para trabalhar docência pensando só na Biologia. (S5).

A docência para esse sujeito é compreendida como um campo de conhecimento, e por ser concebida como tal, está diretamente ligada a conceitos sobre o ensino, sobre a ciência, sobre o homem, sobre

educação e tantos outros elementos que constituem um campo, uma forma de conhecimento. Para esse sujeito, torna-se difícil traduzir a concepção de docência em palavras pela amplitude com que ele percebe a docência. Para ele, a docência une o ensino, a pesquisa e a extensão.

Ainda nesse depoimento, foi observado que, mesmo considerando a docência com algo amplo, a sala de aula é retomada como relativa ao exercício da docência. O discurso traduz a dificuldade de situar a docência frente ao que realmente ela significa para tal professor. Sua Representação de Docência é definida como uma arte, um campo de conhecimento que atravessa o ensino, a pesquisa e a extensão.

Outros sujeitos assim se pronunciaram:

Essa pergunta é muito difícil. Acho que essa participação em sala de aula ou fora dela, ajudando a complementar com seus alunos. Então tudo isso para mim é ser docente, ser professor. São vários aspectos que você tem que trabalhar, então na sala de aula não é só conteúdo, durante muitos anos nunca achei, sempre achava que isso era mais importante [...] eu me cobro muito para melhorar, quando não dou uma boa aula, eu sei que não foi legal. Então tudo isso, essas reflexões isso tudo faz parte da docência, porque realmente a gente tem que trabalhar em várias coisas, então tudo isso para mim é ser docente, ser professor. (S8).

A minha concepção está em evolução. Porque eu acho que antes, quando eu dava aula, não tinha muita preocupação com relação a essa concepção de docência, no momento em que eu participo da formação de um docente, a minha concepção entra em questão. Porque eu acredito que para formar eu preciso ter uma concepção pelo menos. Então eu sinto que ela está completamente mudada e em transformação. A minha concepção de docência é tão ampla que eu não consigo trazê-la para uma definição. (S6).

Nessas repostas, a docência é apontada como uma característica peculiar ao exercício do professor. A sala de aula é apresentada como um locus do exercício da docência. Isso nos leva a identificar a Representação de docência como ensino em sala de aula.

Ao expressar que a pergunta feita *é muito difícil, é muita ampla*, assim como outros professores também afirmaram, o sujeito S8 argumenta

que docência é tudo. Já o sujeito S6 afirma que está em processo de elaboração. Isso nos levou à reflexão de que, nos espaços formativos, essa discussão precisa acontecer para que fique claro aos sujeitos de qual docência se fala, de onde se fala.

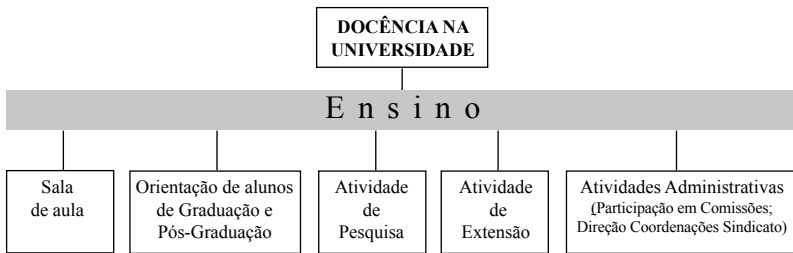
Outra análise que fizemos é que a docência, talvez por essa ausência de maiores discussões, não se desagrega da ação docente. Perguntamos o que é docência e os professores listaram atividades que julgam compor a docência. Para tanto, as representações em torno do ensino, em torno do que é ser professor, entram como coadjuvantes na tentativa dos sujeitos de estruturar sua representação de docência.

3 O encontro dos fios... Um encontro das representações sobre docência

A análise do percurso que fizemos para conhecer as representações de docência dos professores do IB nos possibilitou a construção de algumas considerações.

Ao nos determos nos estudos sobre a docência na universidade, percebemos que ela carrega algumas marcas históricas que se traduziram em Representações Sociais e se perpetuaram nos discursos e práticas dos sujeitos. Em sua base etimológica, a docência se relaciona com a ação de ensinar, de transmitir conhecimentos, de instruir. Nos estudos teóricos realizados, percebemos que existe uma diferença entre a docência e o ensino.

A docência é um exercício que traduz, na universidade, algumas ações como ministrar aulas, realizar pesquisas, orientar alunos, publicar trabalhos científicos, participar de eventos na área em que atua, fazer extensão, assumir cargos e representações. E o ensino é uma ação que transversaliza o exercício docente, vez que envolve uma concepção de mundo, de sujeito, de aprendizagem e de produção de conhecimento como apontamos no esquema:



Compreendemos que docência é a atividade que o professor exerce em sua prática acadêmica e, dessa forma, não pode ser restrita às atividades que envolvem a sala de aula. A docência é, para além da sala de aula, um ato político, com intencionalidades, com práticas que envolvem o pensar na formação do outro sujeito e, dessa forma, é transversalizada pelo ensino. Partindo desse olhar, percebemos que vários fatores condicionam a maneira pela qual a docência é concebida e representada nos discursos e práticas dos sujeitos. A forma como a universidade está estruturada, a maneira pela qual o sujeito vivenciou suas experiências escolares e suas experiências profissionais são determinantes para a forma de representar a docência.

A Teoria das Representações Sociais nos proporcionou a possibilidade de construir uma compreensão histórica, cognitiva e social do sujeito. A constituição da representação de docência é entremeadada de outras representações sobre o mundo, o sujeito, a educação, o ensino. Tal representação se materializa ou cristaliza, na medida em que o sujeito interage com outros sujeitos e com seu ambiente social.

Os discursos de que docência é tudo, é formar o ser humano, é uma arte, é ser professor, é sala de aula, é ensino, é carreira, é atividade docente, mostrou a multiplicidade de vivências a que tais docentes foram submetidos para agregar em seu mundo tais significados.

Na nossa compreensão, a docência está mergulhada num universo de representações que forjam a maneira como os sujeitos a concebem. E uma delas está vinculada à representação de universidade, que temos construída.

Como resultado de nosso trabalho, na riqueza dos discursos dos sujeitos, localizamos as suas principais representações, listadas a seguir: Docência é difícil de conceituar; Docência é tudo que fazemos na Universidade; Docência é algo muito amplo; Docência é repasse de conhecimento; Docência é orientação de aluno; Docência ocorre em vários espaços; Docência é ensinar; Docência é ser professor; Docência é preparar o ser humano para a vida e para a profissão; Docência é formar o aluno para o exercício da ética; Docência não é só passar conteúdo; Docência é formar o pesquisador; Docência se confunde com carreira docente que compreende o ensino, a pesquisa, a extensão e a administração; Docência se confunde com atividade docente, envolvendo a sala de aula, a pesquisa, a extensão e a administração; Docência é uma arte; Docência é um campo de conhecimento; Docência é sala de aula; Docência é uma opção de vida; Docência é servir de exemplo; Docência é uma atividade difícil; Docência está ligada à graduação; Docência não é somente ensinar conteúdo.

Como podemos observar, algumas são mais restritas, confundidas com o ensino em sala de aula, já outras são bem mais amplas, se mostrando como um amálgama das atividades do professor na Universidade. Esse movimento tem como consequência a manutenção de olhares muitas vezes distantes do que representa ser professor da universidade. A dificuldade de verbalizar o que é docência, ou confundi-la muitas vezes com a sala de aula, com uma arte ou algo do gênero, materializa a idéia de que a formação do professor que atua no ensino superior necessita ser olhada de forma singular, com saberes específicos que não se limitam a aprender a fazer pesquisa nos mestrados e doutorados. A docência, aqui percebida como exercício do professor, é uma atividade transversalizada pelo ensino, portanto vinculada à produção de conhecimento que se dá em todos os espaços da universidade que proporciona tal produção.

Esperamos que esse trabalho contribua, de alguma forma, para as discussões em torno da Universidade, da docência e da formação de professores para o ensino superior. Fazer-se fazendo, tecer-se tecendo. São percursos que acontecem em processo, nós só percebemos, depois, quando já tecidos.

THE TEACHING PRACTICE IN THE BIOLOGY INSTITUTE OF FEDERAL UNIVERSITY OF UBERLÂNDIA: GOING THROUGH PATHS AND FINDING REPRESENTATIONS

Abstract: The research has intended to deepen the discussions about the teaching practice in the university, aiming to understand the ways it has been structuring itself facing the new demands of the University and also comprehend how it has been developed and represented in the teachers' daily work. This study aimed to unfold the pedagogic conceptions of the teachers from the Biology Institute of Federal University of Uberlândia. The research also intended to investigate the impact of those representations to the teaching practice of its professionals and how their practices interfere in the dynamic of those representations. Finally it aimed to reveal their teaching formation process and identify their teaching conceptions. In order to reach the mentioned objectives, three fundamental theoretical-methodological questions concerning Social Representation guided this work: who knows and where does this knowledge come from? What and how is it known? What is it known about and what kind of effects come with it? Data were collected through a questionnaire applied to all 21 teachers from the Institute and also through an interview directed to eight of them. The study regarding Social Representations made it possible to know the subjectivity universe present in our daily routines. Teaching Representation is originated from that subjectivity, fact that leads to the belief that the researched teachers' representations are diversified, impregnated of values and social, cultural and political representations, which reinforce the continuity of inappropriate practices and discourses concerning university teachers and their practice.

Key words: Social representation. Teaching. University.

Referências

ARAÚJO, J. C. S.; KAPUZINIÁK, C.; VEIGA, I. P. A. **Docência e ética:** uma construção ético-profissional. Campinas: Papirus, 2005.

BRZEZINSKI, I. (Org.). **Profissão professor:** identidade e profissionalização docente. Brasília: Plano, 2002.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento:** de Gutemberg a Diderot. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTANHO, S. E. M. A universidade entre o sim, o não e o talvez. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. (Org.). **Pedagogia universitária:** a aula em foco. Campinas: Papirus, 2000. p. 1.

CASTRO, G. **Professor submisso, aluno-cliente**: reflexões sobre a docência no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, L. A. Ensino superior no Brasil. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 151-204 (Coleção Historial, 6).

DORIA, F. A. **A crise da universidade**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 31-59.

GATTI, B. **Formação de professores e carreira**: problemas e movimentos de renovação. 2. ed. rev. amp. Campinas: Autores Associados, 2000. (Coleção formação de professores).

HOUASSIS, A. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

ISAIA, S. M. Professores de licenciatura: concepções de docência. In: MOROSINI, M. C. **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003. v. 1, p. 263-277.

JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KUENZER, A. Z. (Org.). **A formação dos profissionais da educação**: proposta de diretrizes curriculares nacionais. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

MARQUES, M. O. **Formação do profissional da educação**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.

MASETTO, M. T. (Org.). **Docência na universidade**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Práxis).

_____. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (Org.). **Ensinar e aprender no ensino superior**: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. São Paulo: Editora Mackenzie/Cortez, 2003. p. 79-108.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986. 119 p.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Portugal: Porto, 1995. 191 p.

MOROSINI, M. C. (Org.). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. 2. ed. amp. Brasília: Plano, 2001. p. 15-33.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais: elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 45-66.

PEREIRA, J. E. D. **Formação de professores: pesquisas, representações e poder**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 167 p.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

RAMALHO, B. L.; NUÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sócias. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 117-145.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZABALZA, M. A. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Artigo recebido em: 30/10/2007

Aprovado para publicação em: 03/06/2008